



## Encontro Inter-regiões - Sudeste

Região Sudeste - Evento Virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00700
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>CAMPUS</b>	Instituto de Arte e Comunicação Social
<b>CIDADE</b>	Niterói
<b>UF</b>	RJ
<b>CATEGORIA</b>	JO
<b>MODALIDADE</b>	JO10
<b>TÍTULO</b>	Os tons da rua
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Róbson Martins Peixoto
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Jornalismo
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Gabriella Costermani Machado (Universidade Federal Fluminense); João Eduardo Ferreira Dutra (Universidade Federal Fluminense); Indianara Ingrid Santana da Silva Reis Marinho (Universidade Federal Fluminense); Pedro dos Santos Menezes (Universidade Federal Fluminense); Renata Rezende Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

"Os tons da rua" é uma reportagem telejornalística, cuja temática principal é o grafite na Região Metropolitana Fluminense. Durante os 10 minutos de duração, a produção — que conta ainda com características oriundas de trabalhos digitais — mergulhou em histórias individuais, personagens e perspectivas distintas sobre esse tipo de arte no cotidiano urbano. De acordo com Arlindo Machado, na obra "A televisão levada a sério" (Editora Senac, 2000), uma reportagem baseia-se em uma narrativa polifônica, na medida em que é resultado de vozes múltiplas dos membros da equipe, enquanto mediadores, mas também do conjunto de entrevistados e atuações de bastidores. No geral, a reportagem evidencia os contornos díspares do grafite como objeto de exposição e de estudo, manifestação de rua e ferramenta de ensino. Também faz uma breve contraposição à pichação enquanto vandalismo. O produto faz parte do projeto avaliativo de conclusão da disciplina "Oficina de Telejornalismo", em conjunto com a disciplina "Introdução ao Jornalismo Televisivo", ambas ministradas no quarto período do curso de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense, pela professora Renata Rezende. A partir do estudo de autores renomados na área, em percurso bibliográfico, e também de diferentes exercícios práticos nas três etapas da produção televisiva (pré-produção, produção e pós-produção), o grupo elaborou a reportagem em questão, que está disponível no canal do Laboratório de Experimentos Audiovisuais (LEA/UFF) no Youtube. Presente nas periferias e no centro, o grafite assumiu um novo status a partir dos anos 2000. Sobretudo, nos dias atuais, ele chama atenção das pessoas e se mostra um gênero artístico conectado à realidade cotidiana. Popular, em oposição à pichação e sua reputação negativa, o grafite está imerso em contrastes: às vezes, protagonista; às vezes, figurante despercebido. Assim, o objetivo principal da reportagem foi expor essas múltiplas facetas em três municípios do Rio de Janeiro: São Gonçalo, Niterói, além da capital. Vale destacar que o grafite é a marcação de imagens nas paredes. No Brasil, a prática de caráter insurgente ganhou força durante a ditadura militar, embora suas origens remetam aos anos 1960, nos subúrbios de Paris e Nova York. Como instrumento político e fortemente ligado à cultura hip-hop, não demorou para o grafite se popularizar em São Paulo, como resposta ao preconceito e abandono social do poder público. Os grafiteiros nasceram da adaptação da contracultura das galerias para a rua e numa tentativa de expressar culturas e modos de vida, de existências. Mas, hoje, o caminho é diferente e o grafite ganha cada vez mais exposições de arte, como produto comercial, turístico e cultural. Mesmo em espaços externos, conforme o Art. 65º da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, a prática não constitui crime quando realizada "com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário" (Brasil, 1998). Segundo o IBGE, em 2018, 97,8% dos domicílios no Sudeste possuíam uma televisão ao menos. Esse fato contribuiu para que o "grafito" fosse escolhido como tônica da produção telejornalística em questão, parte de um projeto maior e colaborativo com os outros grupos das disciplinas. Portanto, decidimos explorar um outro ângulo do tema geral, "a rua", ressaltando o seu valor econômico, cultural e social para os atores urbanos. Por vezes, a temática é abordada negativamente, envolta em problemas de criminalidade e disputas. Com o tempo, os artistas urbanos conquistam novos espaços nas ruas, nas galerias a céu aberto e nos centros de arte. Para nos adequarmos a essa

dinâmica, a equipe buscou investigar mais do que uma dessas faces. Ou seja, definiu-se uma abordagem ampla, popular e, ainda assim, profunda — fugindo do "academicismo" e elitização convencionais, muito presentes no meio universitário. MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo, Editora Senac, 2000.

## DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O propósito da avaliação final era pôr em prática, por meio de uma reportagem de 7 a 10 minutos de duração, os conceitos, os exercícios e as competências aprendidos durante as disciplinas, em três etapas: pré-produção (pesquisa, elaboração da pauta e roteiro), produção (gravação dos textos e imagens) e pós-produção (edição, montagem e circulação). Então, para definir o que seria debatido, pensamos num assunto que permitisse um tratamento aprofundado no curto tempo livre após as aulas diárias e, ao mesmo tempo, que estivesse presente no cotidiano fluminense: em muros, paredes, postes. Após uma pesquisa inicial em redes sociais, sites educativos e artigos acadêmicos, notamos dois pontos. Primeiro: os veículos tradicionais comumente retratam o grafite como ponto central de confrontos citadinos, principalmente, em regiões mais pobres e menos prezadas pelo poder público. Segundo: sobre esse tipo de arte recaem as influências de escolas como o realismo, o surrealismo e o cubismo. A partir daí, optamos por seguir uma abordagem alternativa que demonstrasse não apenas a mútua influência entre esses agentes sociais, mas também o amadurecimento artístico ocasionado e outras consequências. À vista disso, houve um empenho para que os sons, signos, imagens, cores e outros elementos audiovisuais fossem planejados ainda na pré-produção como ferramentas expressivas para oferecer sistematizadamente essa ideia ao espectador. Nesse contexto, Renata Rezende explica no texto "A tecnologia e a transformação do dispositivo: produções sensoriais no hibridismo realidade/ficção" (Revista Brasileira de História da Mídia, 2012, p. 13): "em nossa perspectiva, a televisão, enquanto dispositivo ancorado nesses signos [imagens e sons] possui potência considerável para ampliar a dimensão do sensível e do afeto". Tendo as metas definidas, havia chegado a hora de idealizar o roteiro, descrevendo desde o texto das passagens até os enquadramentos e indicações de edição. Com a função de cada integrante definida, a equipe foi dividida em dois grupos de atuação a fim de permitir menores intervalos entre as gravações e, paralelamente, evitar sobrecarregar a equipe. Sendo assim, dois repórteres eram fixos, enquanto o resto dos participantes intercavavam entre direção, auxiliar e cinegrafista, ao longo do desenvolvimento. Na fase seguinte, a seleção das fontes esteve diretamente ligada às nossas experiências e ao nosso "mailling", uma vez que grande parte dos entrevistados já era conhecido. São exemplos o artista plástico Mulambo e os funcionários do Colégio Padre Manoel da Nóbrega, onde a produtora da reportagem, Ghabriella Costermani, já havia frequentado. O restante dos entrevistados foi contatado durante as pesquisas de campo ou mesmo eventualmente: como o caso dos grafiteiros Matias e Nicolas, vistos grafitando próximo à universidade. Citá-los é fundamental, pois foram peças-chave para a segunda etapa da apuração. Durante as entrevistas, pudemos aprender mais sobre o objeto de pesquisa e, assim, adaptar o roteiro da reportagem a fim de representá-lo da maneira mais adequada possível. Por isso, também é relevante frisar que o trabalho segue fielmente os Artigos 6º e 12º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que estipulam ser dever do jornalista respeitar "o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão" e "todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar". Todas as fontes ou responsáveis por elas autorizaram verbalmente ou por escrito, no caso de menores, o uso de seus nomes e suas imagens. No Museu de Arte Moderna (Mac) de Niterói e no colégio estadual, por exemplo, os diretores acordaram por meio de documento enviado previamente, garantindo a integridade das pessoas envolvidas. REZENDE, Renata. A tecnologia e a transformação do dispositivo televisivo: produções sensoriais no hibridismo realidade e ficção. Revista Brasileira de História da Mídia, 2012. Ver in: revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3910

## DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Com o roteiro pronto e a maior parte das fontes já contatadas, o primeiro passo foi o agendamento e empréstimo da câmera (modelo AG-AC30), do tripé e do microfone com o Setor de Produção de Vídeo do Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) da UFF. Esse material foi usado durante toda a produção, em especial, na captura das passagens e sonoras. Conforme explica Herbert Zetti, no livro "Manual de Produção de Televisão" (Cengage Learning, 2010, p. 3), "quando se adota o estilo cinematográfico de filmagem com uma única câmera, em que as cenas são montadas gravando-se plano por plano com apenas uma câmera, o tempo gasto nas atividades de pós-produção pode ser maior se comparado à produção de fato". Daí, ainda podemos afirmar que os nossos smartphones foram diferenciais no processo. Conseguimos acionar os celulares, úteis e dinâmicos, ao surgir quaisquer fatos pertinentes. Isso permitiu a captação de imagens espontâneas e condizentes com uma de nossas grandes preocupações: transmitir ao público a sensação de estar pessoalmente naqueles locais (ou o mais próximo disso, dentro do possível), como se estivessem num "tour", numa viagem por um destino inédito. Em grupos de dois ou três integrantes, geralmente formados pelo repórter, cinegrafista e auxiliar, partimos às ruas em duas frentes: a investigação do acervo a céu aberto de grafites em Niterói e da grande galeria urbana da capital. Devido à complexidade das cenas, era sabido que contratempos possivelmente aconteceriam, portanto foi uma decisão coerente para evitar atrasos significativos no cronograma previsto. Logo, após concluir as filmagens em São Gonçalo, a produção chegou à gravação dos offs. O cuidado ao realizar a locução num estúdio isolado acusticamente indica a importância dada ao som e à sonoplastia, em geral. Nesse sentido, além do corte e da montagem do vídeo, houve retoques menores na edição, que incluem equalização do áudio, adição de BGs e até ruídos artificiais que simulam o barulho do trânsito local. Muniz Sodré defende em "As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política" (Vozes, 2006, p. 30) que as imagens (visuais, sonoras, olfativas, etc) constituem o pensamento humano e completa: "para que se realize o raciocínio, é preciso que essas imagens estejam ativas e disponíveis, o que supõe processos ligados a emoções e sentimentos". Melhor dizendo, o papel da edição foi, sobretudo, potencializar os estímulos que agem nos sentidos e incitam o afeto como reação do espectador. Para isso, nos baseamos na estética impressionista — que preza pelo realce das cores, da luz natural e do movimento — para destacar os contrastes da rua. Nobreza e pobreza, centro e periferia, apatia e energia: o homem tem tendência a enxergar o mundo dicotomicamente, e tiramos proveito dessa característica. Com o uso do programa Adobe Premiere Pro CC 2018, cortes secos, movimentos de câmera panorâmicos e em "tilt" e técnicas como o "J cut" e o "L cut" (o prolongamento e a antecipação do áudio de uma cena) foram utilizados para causar o equilíbrio entre o tom dinâmico e a suavidade que desejávamos nas transições. Citando caso análogo, o uso do corte invisível teve o propósito de destacar o encerramento da reportagem de modo criativo e agradável. O método foi obtido com a simples passagem de um membro da equipe na frente da câmera e empregado ocasionalmente durante as gravações, tal como outros experimentos que agregaram ao resultado final. É indispensável dizer que o produto foi feito à sombra um jornalismo popular, democrático e dialógico, o que não impediu uma ótica crítica a respeito do tema e os personagens ligados a ele. Essa reportagem é fruto de um longo planejamento, trabalho em equipe e o auxílio da orientadora, dos monitores da disciplina e do técnico de audiovisual Bruno Pacheco, ao qual agradecemos. SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Editora Vozes, 2006. ZETTI, Herbert. Manual de produção de televisão. Cengage, São Paulo, 2010.